

Percursos experimentais nas ruas das cidades

Carolina Prediger Koester

Helga Correa

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Neste artigo apresento parte da investigação que realizo no Programa de Pós-Graduação em Arte, da Universidade Federal de Santa Maria/RS. A pesquisa tem como propósito a execução do trabalho através de ações poéticas no espaço urbano, partindo do conceito do pôster lambe-lambe. As imagens usadas nas intervenções são gravadas e impressas em xilogravura, as quais tem como referência objetos utilizados como utensílios de iluminação nos interiores das casas, antes da instauração da rede de distribuição elétrica na sociedade. As xilogravuras fixadas nestes percursos pelo espaço urbano da cidade, possibilitam construir relacionamentos entre as dimensões interna e externa do artista (ARENDDT) destacando a necessidade de produção reflexiva da arte contemporânea no contexto investigado.

Palavras-chave: Xilogravura, lambe-lambe, espaço urbano.

Abstract

This article presents part of the research I perform at the Graduate Art Program, Federal University of Santa Maria / RS . The research aims to implement the work through poetic actions in urban areas , based on the concept of licks licks poster. The images used in interventions are recorded and printed in woodcut , which has as its object reference used as lighting fixtures in the interiors of houses, prior to the opening of the electricity distribution network in society. Woodcuts set these paths by the urban space of the city , make it possible to build relationships between the internal and external dimensions of the artist (Arendt) highlighting the need for reflective production of contemporary art in the context investigated.

Keywords: Woodcut, licks licks, urban space.



Não consigo pensar um espaço público onde o ser que habita a cidade, não venha interferir de alguma maneira. Ações como caminhar, parar, sentar e conversar, ocasionam interferências tênues na cidade, já que esta se configura como um local de (re)encontros e trocas. As ações cotidianas constituem o espaço público/privado. Posto isso, por que não ocupar tais espaços com arte? Esse questionamento é um polo norteador e motivacional para a realização da minha pesquisa no espaço urbano.

Para Vera Pallamin, “tematizar a arte urbana é pensar sobre a vida social aproximando-se de um certo modo pelo qual as pessoas se produzem e são produzidas no âmbito da ordem simbólica. É pensar sobre cultura urbana” (PALLAMIN, 2000, p. 24). Manifestar-se artisticamente no espaço urbano, seria uma maneira de reapropriação deste local que nos foi tirado, onde o que é pago pode aparecer e o que não é, deve ser ocultado.

A cidade é um espaço fértil, produtora de muitos sentidos, os quais, muitas vezes, não são percebidos pelo transeunte que percorre por suas vias. A sociedade atualmente é bombardeada cotidianamente com excessivas propagandas expostas em seu espaço urbano, considerando o cidadão como um mero consumidor. Frente a isso, por que não potencializar aspectos da cidade, muitas vezes invisíveis ao olhar desatento do transeunte diante da correria do cotidiano? Criar situações efêmeras a partir de ações poéticas, propondo um olhar mais cuidadoso para a cidade? Diminuir o passo e caminhar com mais lentidão, vivenciando o espaço urbano.

[...]a caminhada é uma atividade concertada, repleta de interações, tanto com os outros pedestres quanto com a paisagem, os obstáculos e os equipamentos do terreno. Caminhar é forçosamente viajar, observar e atuar ao mesmo tempo; é ajustar seu passo, sua direção, o contato físico com o meio circundante de humanos e de objetos. (JOSEPH, 1999. p. 29).

Ao situar o trabalho artístico no espaço urbano, ocorre a ruptura do ritmo de observação do olhar habituado do cidadão, uma vez que este é convidado a refletir sobre participações incomuns da lógica de utilização do espaço urbano o qual ele está inserido. A partir da relação da arte com a cidade, é possível estabelecer um novo vínculo com os sujeitos transitórios, isto é, torna-los mais suscetíveis e atentos às notoriedades e mudanças do entorno do seu meio. A cidade precisa possibilitar a eles uma maior reflexão e imaginação dos elementos que ela integra, deixando de lado, pelo menos por um momento, a correria do dia a dia e o consumo exacerbado. As intervenções artísticas no espaço urbano criam zonas de respiro e oportunidades de acesso a outros contextos para os transeuntes, além disso, proporcionam uma modificação nos significados existentes, reelaborando-os e criando, dessa forma, novos percursos pelas ruas da cidade.

Reminiscências

A percepção do excessivo entrelaçamento dos fios de luz, suas interligações e formações de rede, sempre me fizeram refletir sobre o potencial estético e conceitual do elemento “poste de luz”. Ao percorrer pelas ruas da cidade de Santa Maria/RS, observava cenas urbanas e as fotografava. Desses registros, originou-se uma série de fotografias intituladas *Linhas Urbanas* (Figura 1). Nessa ação, deparei-me com vários fios de rede elétrica, o que muitas vezes, tornou-se um incômodo, pois eles dificultavam a visualidade da cena, a qual eu queria fotografar. Desse desconforto, surgiu o projeto *Xilo no Poste* (Figura 2).



Fig 1- *Linhas Urbanas*. Santa Maria/RS.

Fonte: Arquivo pessoal.



Fig 2- *Registro pós-colagem*, 2013.

Rua Coronel Niederauer, Santa Maria/RS.

Fonte: Arquivo pessoal.

Sendo natural de uma cidade muito pequena, no interior do Rio Grande do Sul – Crissiumal - onde não há esses emaranhados de fios em demasia e, sim, cenários mais limpos, propus-me a uma pesquisa fotográfica para buscar a suavização da cena, distanciando-se dessa imagem visualmente poluída e do desconforto gerado por essa confusão. Desse modo, procurava atribuir algo mais agradável, esteticamente, aos olhos, de vários ângulos para mostrar que também poderia existir beleza em um emaranhado de fios, os quais parecem ter vida própria sobre as nossas cabeças. Paulatinamente, comecei a focalizar o trabalho no entrelaçamento de fios em excesso, os quais se interligam entre vários outros postes, formando uma rede, além de assumir uma identidade própria.

Essa necessidade de fixar meus trabalhos no espaço urbano aconteceu quando eu realizava uma prática poética no ateliê e me dei conta que não fazia sentido usar um elemento da rua para desenvolver trabalhos plásticos dentro da academia e expô-los em espaços fechados. Com isso, comecei as experiências de colar nos postes os trabalhos, criando, dessa forma, um percurso: retirar a imagem do poste da rua, levá-la para o ateliê, reinterpretá-la na linguagem da xilogravura e devolvê-la ao seu local de origem, o espaço urbano.

Penso que esse olhar para o poste é presente desde a minha infância, porém só tive tal percepção ao me mudar para Santa Maria/RS. Este deslocamento: sair de uma cidade de interior, onde a maior parte da população está concentrada na área rural, sendo o centro da cidade um local que se resume em alguns estabelecimentos de venda, bancos e uma praça, com poucos prédios e uma paisagem “urbana” mais limpa para ir residir em uma cidade maior, com um centro urbano mais desenvolvido, prédios altos, propagandas excessivas e postes de luz com diversos emaranhados de fios. Essa mudança fez com que eu observasse o espaço urbano por outra ótica, pois estava habituada com um local “limpo” e, ao encontrar um espaço com tantas imagens, informações, ou seja, certa desordem, fez com que eu procurasse pontos de respiro e beleza diante deste caos aparente.

As viagens para as cidades ainda maiores - São Paulo/SP, Montevideo/UY, Belo Horizonte/MG - fizeram com que eu tivesse o conhecimento de novos centros urbanos, o que gerou em mim uma espécie de deslumbre, uma agitação que até então eu desconhecia. Os postes, por sua vez, apareciam diferentes, supercarregados de fios, revelando as distintas conexões e correlações entre o mundo urbano, suas paisagens e as vidas humanas presentes nas cidades. Assim, o poste, novamente, remetia-me ao espaço público e ao espaço privado.

A partir dessas percepções frente ao espaço urbano, escolhi a cidade, mais especificamente, o espaço urbano como local para o desenvolvimento de uma poética, sendo a rua, o local de exposição para as ações poéticas.

As considerações abordadas nesse primeiro trabalho e o esgotamento do projeto culminaram no ingresso do Mestrado e na possibilidade de dar maior aprofundamento à pesquisa. Durante esse período inicial, enquanto estudava e produzia algumas peças gráficas, surgiram três situações que acabaram por determinar o foco do trabalho.

Portanto, a atual pesquisa foi se definindo a partir de situações que ocorreram

no meu período de férias, em que retornei para a casa de minha avó, na cidade de Crissiumal/RS, quando estabeleci novamente o contato com a vida cotidiana na área rural. A primeira situação aconteceu durante uma conversa com meu pai, quando tive o conhecimento que a rede elétrica foi instalada na casa de minha avó somente a partir dos anos 80. Nessa conversa, meu pai me contou que, antigamente, os pequenos proprietários compravam terras onde só havia mato, desse modo, para construir casas, galpões e estradas era necessário, antes de tudo, desmatar o lugar. Com isso, o entorno seguia cercado pelo mato e as famílias não conseguiam visualizar a existência de outros moradores por perto. A única maneira encontrada por essas famílias para a descoberta de uma possível vizinhança era ouvir um galo cantar. Todavia, depois de instalada a rede elétrica na área rural, os postes com seus fios criavam um percurso até o destino das casas, evidenciando, assim, a presença de outros moradores.

Essa conversa foi reforçada por uma impressão ainda mais forte, quando, em outra situação, entrei no porão da casa de minha avó e no meio de tantas recordações, encontrei os objetos que eram usados para iluminar a casa à noite - antigos lampiões e lamparinas. A descoberta destes objetos foi muito importante para a retomada do trabalho poético, passei a desenhá-los e, frente a essa experiência, tentei estabelecer um diálogo entre esses utensílios e os postes presentes na paisagem urbana atual, com os quais eu já trabalhava e interagia.

Esses eventos dispararam minha retomada nas pesquisas em torno ao poste de luz e à rede elétrica, especialmente, quando reflito sobre a comodidade que a rede elétrica nos proporciona, em como estamos habituados com ela e no quanto a sua importância é atribuída, somente, nas situações de queda e falta de luz. Comecei a refletir sobre nossa total dependência da energia elétrica e na importância em dar visibilidade ao poste de luz. Essas reflexões passaram a tomar forma também em outros aspectos, que não estão dissociados destas experiências com o lugar de origem.

A partir de então, alguns episódios, vividos durante a infância, começaram a adquirir outro significado em meu trabalho. Revivi então uma experiência de quando eu tinha uns nove ou dez anos de idade, em que íamos visitar minha avó no final de semana, isso já não era um acontecimento tão divertido quando criança, porém, meus pais me levavam mesmo contra a minha vontade. Como uma maneira de expor meu aborrecimento, deitava-me no banco de trás do carro e, por fim, ficava observando os postes de luz, acompanhando os fios da rede elétrica ao longo de todo o percurso. Nessa trajetória, tanto de ida quanto de volta, lembro que comecei a me localizar através de determinados postes. Por exemplo, havia alguns com a presença de ninhos de joãos-de-barro, desse modo, ao passar por eles, eu erguia a cabeça, olhava o ponto de referência do trajeto, o que me situava ao longo do caminho. Pouco a pouco, tornei-me mais observadora e sabia que quando os postes de madeira eram substituídos pelos de concreto estávamos saindo do interior e chegando à cidade.

Esses eventos representam uma parte significativa de minha história e não poderiam deixar de dialogar com o trabalho que venho desenvolvendo há algum tempo sobre

os postes de luz em cidades como São Paulo/SP, Montevideo/UY, Belo Horizonte/MG e Santa Maria/RS.

Desde então, defini que realizaria as intervenções somente em postes de madeira, como uma referência a minha própria jornada. O poste de madeira, que hoje já não é tão presente nos centros urbanos, recupera essa ideia do passado, assim consigo estabelecer uma ligação deles com os objetos citados anteriormente. Com essa memória, também percebi que o percurso é presente em meu trabalho, pois, atualmente, para realizar as colagens nos postes, precisei criar trajetos, assim como aqueles que eu acompanhava deitada no banco do carro.

Baseada nesses aspectos, a ideia desta pesquisa tem como propósito a execução do trabalho através de ações poéticas no espaço urbano, partindo do conceito do pôster lambe-lambe, o qual define-se como um cartaz colado nas ruas sobre paredes e outros suportes. Este recurso é utilizado há muito tempo para a publicidade de eventos, tais como shows, e também é um meio de linguagem para a intervenção urbana.

Na construção plástica desses lambes será impresso na linguagem da xilogravura, visando à manutenção desse processo mais manual como, talvez, uma maneira de retorno ao período que não havia a distribuição elétrica, sendo assim, de certa forma, uma independência das tecnologias que dependem da energia elétrica. As imagens baseiam-se nos objetos que eram utilizados antigamente como utensílios de iluminação dentro de espaços internos, antes de ser instaurada na sociedade a rede de distribuição elétrica.

Através dos lambes impressos, com a imagem dos objetos supracitados, fixados nos postes de luz, tenciono ao transeunte uma reflexão sobre a sociedade, mais especificamente, como ela era sem o acesso à luz elétrica. Pensar na diferença do cotidiano e compará-lo ao antes e ao agora, pensar, também, sobre as limitações que existiam e como a atual acessibilidade transformou-se em uma necessidade do dia-a-dia.

Além disso, essa ação sugere um retorno à esfera pública de uma sociedade que se redefiniu com o tempo, esfera antes vista como local de visibilidade e aparência, de liberdade ao agir diante do outro para uma sociedade que, hoje, o status e o dinheiro tornaram-se o centro das aparências. Pensando em uma prática poética que parte de algo privado, uma percepção pessoal do espaço urbano, inserindo nele xilogravuras com a imagem de objetos não mais utilizados no cotidiano, os quais possuíam fundamental importância nos interiores das casas, sendo eles, os que traziam o acesso a iluminação; a pesquisa aborda uma reflexão apoiada no conceito da esfera pública de Hannah Arendt (2007) na sociedade contemporânea.

O conceito de espaço público e espaço privado de Hannah Arendt, parte do pensamento grego, o qual havia uma divisão definida sobre os domínios da vida privada e da vida pública. Esta divisão, referente ao antigo pensamento político, o qual separava a esfera da polis e a esfera do lar (família), como também as atividades pertencentes ao mundo comum das que remetiam à manutenção da vida.

Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação “objetiva” com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida (ARENDETT, 2007, p. 68).

Assuntos relacionados com a economia não faziam parte de questões políticas, mas, sim, associavam-se à vida individual, juntamente com a sobrevivência da espécie, assim as atividades que tinham como finalidade a garantia de um sustento individual, não adentravam no domínio público. Logo, torna-se perceptível os espaços bem demarcados, o privado e o público: o primeiro, o espaço da necessidade e submissão, isto é, da privação; o segundo, definido como o espaço da aparência, esfera de iguais e garantia de realização da condição humana.

[...] o termo “público” significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens. (ARENDETT, 2007, p. 62).

O espaço urbano, habitado pelo transeunte da cidade, remete a um espaço de convívio em comum, o qual compreende locais públicos e privados. Os locais públicos, tais como ruas, calçadas e praças, definem-se como públicos, na verdade, até certo ponto, como por exemplo, o transeunte tem livre acesso a estes espaços. Porém, ao interferir de alguma maneira, existem órgãos por trás que os tomam como proprietários, aparecem os órgãos responsáveis, assumindo a figura de proprietário do espaço, para apresentar ao transeunte as cobranças referentes a essa intervenção. Isso faz pensar, o que realmente é público? Trazendo este questionamento para o meu trabalho, o poste de luz está no espaço público, porém há uma empresa responsável pela instalação, troca e restauro. Essa condição o torna privado? Mesmo que ele esteja presente em um lugar público?

Visitante

A primeira experiência com colagem partindo da pesquisa proposta para o Mestrado ocorreu em abril/2015 na cidade de Pelotas/RS. Participei de um seminário realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais PPGAV/UFPel. Nesse evento, aproveitei a passagem pela cidade e realizei a colagem de alguns lambes pelas ruas.

O projeto inicialmente tinha o propósito de seguir na realização de trabalhos na linguagem da xilogravura. Todavia, com o passar do tempo, percebi que esse enfoque limitava significativamente as possibilidades de intervenção, sendo assim, os trabalhos precisaram ser modificados. O interesse passou a ser a elaboração de lambes impressos em off-set, tomando como base a xilogravura, ampliando-a para formatos maiores com a finalidade de melhor ocupar a extensão vertical do poste de luz. Assim, nessa experiência, escolhi algumas imagens de xilogravuras já existentes, e a impressão configurou-se nos formatos A3 e A2, pensando em ocupar melhor a extensão vertical do poste de luz. Tal experimento estabeleceu-se no intuito de verificar como seria a colagem, manualmente, de lambes em formatos maiores. Com essa ação, almejava-se a descoberta da noção de tempo ao desenvolvimento de toda a dinâmica utilizada e a experimentação de colagem em outras superfícies, além do poste de luz, como por exemplo, em tapumes.

As intervenções aconteceram à noite, com auxílio de colegas, os quais me acompanharam para registrar a ação. A primeira colagem ocorreu em uma casa abandonada (Figura 3), no centro da cidade de Pelotas/RS. Após o deslocamento para ruas localizadas no entorno do Centro de Artes (Figura 9), pude perceber, durante o dia, tapumes que já possuíam intervenções de grafite e pichação. As colagens aconteceram em diversos lugares, entre eles, tapumes, postes e uma casa abandonada. O caráter coletivo dessa intervenção, apesar de somente eu ser a responsável por intervir e os outros de registrar, ajudou e me fez ficar mais à vontade e tranquila nesse processo.

Quando me deparo com a possibilidade de intervenção em cidades as quais eu não resido, observo que, nessas situações de colagem, os sentimentos de tranquilidade e segurança são mais intensos em mim. Mesmo que haja um temor envolvido nessa experiência, a segurança advém do fato de eu estar de passagem pela cidade. É como se fosse um registro afirmando a minha presença enquanto visitante, algo como “eu estive aqui”. Esse aspecto de visitante diverge da prática das colagens realizadas em Santa Maria/RS, pois sendo residente da cidade, o temor de ser “pega” no ato da ação, seja por estar “depredando” a cidade, é muito presente em meus percursos.

O temor que me acompanha nos percursos das intervenções, não é de hoje. Existem políticas públicas existentes em diversas cidades contra a pichação, além de outras manifestações no viés da arte urbana, definidas como depredação do patrimônio público.

O trabalho que desenvolvo é baseado na produção e fixação de lambes no espaço público, mais especificamente, no poste de luz, porém a Lei não articula explicitamente se esta manifestação é também considerada uma depredação ao ambiente. Em Santa



Fig 3 - Registro, Pelotas/RS, Abril/2015. Fotografia: Muriel Paraboni.
Fonte: Arquivo pessoal.



Fig 4 - Registro, 2015. Pelotas/RS. Fotografia: Muriel Paraboni.
Fonte: Arquivo pessoal.

Maria/RS, as colagens que fazem parte da paisagem urbana, geralmente são de cunho político e social, vinculados aos movimentos sociais que os adotam para a chamada de manifestações, ou expor opiniões de contraordem.

Vejo como necessário a demarcação dessa particularidade nesses registros legais, pois acompanho essa situação desde o início de minhas colagens, que acaba por interferir em alguns aspectos do meu trabalho.

Residente

Com o decorrer dos processos intervencionais, comecei a desenvolver xilogravuras com a imagem dos objetos encontrados no porão da casa da minha avó, os quais eram usados para a iluminação interna da casa, antes da instalação da rede elétrica naquela localidade. O primeiro objeto escolhido para desenvolver a xilogravura, foi a imagem de uma lanterna – denomino este objeto como foque, pois sempre utilizei essa designação para identificá-lo.

A escolha do foque atribui-se devido a uma situação vivenciada na cidade de Santa Maria/RS. Em outubro de 2015, a cidade foi atingida por temporais, os quais derrubaram diversos postes de luz, resultando em alguns dias sem energia elétrica em distintos pontos da cidade. À noite, os faróis dos carros iluminavam a rua, era o manuseio do foque para originar a claridade nos lugares, sendo assim, uma experiência diferente da qual estamos habituados.

Com os lambes impressos, decidi, naquele momento, sair para realizar a colagem individualmente, sem o auxílio de amigos e/ou colegas. A ação aconteceu em um domingo, no início da tarde, enquanto caía uma chuva com pouca intensidade. Foi a primeira experiência obtida através dessa prática de sair e colar no espaço urbano da cidade. Sozinha, durante o dia, após o lançamento da campanha Santa Maria do Bem – idealizada pela prefeitura, visando à redução da pichação, bastante presente na cidade, e a operações de repreensão contra pichadores – conforme mencionado anteriormente.

O caminhar foi mais lento, justamente para observar cuidadosamente, durante o percurso, qual poste apresentava menos residências próximas, mais janelas fechadas no seu entorno, a fim de que tais circunstâncias me deixassem mais tranquila na realização da colagem dos materiais. Com a chuva (chuvisco) que caía, optei por postes retangulares, que possuem um rebaixamento em sua extensão, pois nestes espaços não havia umidade. O guarda chuva ao mesmo tempo, tornou-se um elemento de esconderijo, durante o momento da colagem, e de complicador desse mesmo processo, pois tive que segurá-lo com a cabeça para poder utilizar as duas mãos na colagem. Estar sozinha resultou também na falta de registros no momento da colagem, todavia, retornei dias após a ação e capturei imagens da pós-colagem. Nesse retorno, pude notar sinais de interferências e tentativas de desprendimento (Figura 5).



Fig. 5 - *Registro pós-colagem*, 2015.
Rua Coronel Niederauer, Santa Maria/RS.
Fonte: Arquivo pessoal.

Durante o percurso desenvolvido, um carro da polícia militar passou por mim, desse modo, coleí as xilogravuras somente em três postes. Essa situação me constrangeu de tal forma que não consegui mais desempenhar a ação nesse dia, por medo de encontrar a polícia novamente. Fiquei um tanto impressionada com a manifestação expressiva desse temor. Pensar em ser apreendida por causa dessa cena de colagem me deixou extremamente nervosa, talvez esse sentimento não seja normal e, sim, reflexo do contexto atual da cidade, onde a repressão com qualquer intervenção no espaço público é bastante agressiva tanto pelos policiais quanto pelos moradores.

A intervenção aconteceu em três postes: dois retangulares; um em formato circular. Este último estava bem próximo à marquise, o que oportunizou um recuo seco para

a colagem. A sensação de medo que alguém viesse a intervir minha ação, esteve bem presente. Estando sozinha teria que enfrentar a situação sozinha, o que me restringiu em três colagens.

Portanto, esta pesquisa segue o percurso visando desenvolver uma reflexão sobre intervenções urbanas. Relacionando assim, os conceitos de esfera pública e esfera privada de Hannah Arendt, com experiências individuais, as quais serão inseridas no espaço urbano da cidade de Santa Maria/RS.

Referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

JOSEPH, Isaac. **Paisagens urbanas, coisas públicas**. Trad. Regina Martins da Matta. In: Caderno CRH. [online]. 1999, n.30/31, p. 11-40. ISSN: 1983-8239. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=232>> Acesso em: 04 abr. 2015.

PALLAMIN, Vera. **Arte urbana São Paulo: região central (1945-1998)**, obras de caráter temporário e permanente. São Paulo: Annablume, 2000.